

Em busca do acontecimento: uma leitura da *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas* (1952)

Luiz Gustavo de Souza Lima Junior

Universidade Federal do Mato Grosso

gustavolima_jr@hotmail.com

RESUMO

A presente comunicação busca discutir a referência à memória e ao reconhecimento presentes na Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas. Este mapa foi publicado em Setembro de 1952 por uma equipe de oficiais e ajudantes do General Cândido Mariano da Silva Rondon. Na busca por visualizar os interesses do grupo de autores que elaboraram tal documento, foi necessária a observação dos elementos gráficos do mapa e de outros conjuntos cartográficos produzidos pelos mesmos, bem como da leitura dos relatórios oficiais escritos por Rondon e seus auxiliares. Assim, uma característica iconográfica que chamou a atenção foram os caminhos assinalados no desenho da Carta que simbolizam os itinerários de viajantes que passaram por Mato Grosso durante os séculos XVIII, XIX e XX. Portanto, ao afirmar a referência ao tempo e à memória, é possível sugerir alguns questionamentos quanto ao processo de escrita desta cartografia, bem como da preferência do seu narrador-cartógrafo em ressaltar certos eventos para a composição final desta obra. Em suma, pretende-se experimentar o sentido político e estético deste mapa, que permaneceu numa longa espera por recursos e só pode ser finalizado e distribuído nos últimos anos de vida de seu principal idealizador, Cândido Rondon.

PALAVRAS-CHAVE: Cartografia; Escrita Cartográfica; Cândido Rondon; Carta de Mato Grosso; Acontecimento; Memória.

ABSTRACT

This communication discusses the reference of memory and recognition in the present Charter of the State of Mato Grosso and Surrounding Regions. This map was published in September 1952 by a team of officers and assistants of the General Cândido Mariano da Silva Rondon. In seeking to view the interest of the group of authors who produced such a document, it was necessary to observe the graphic elements of map and other cartographic data sets produced by them, as well as reading the official reports written by Rondon and his aides. Thus, an iconographic feature that drew attention was the marked paths in the design of the Charter that symbolize the itineraries of travelers who passed through Mato Grosso during the eighteenth, nineteenth and twentieth centuries. Therefore, to say the reference to time and memory, it's possible to suggest some questions about the writing process of mapping, as well as the preference of the cartographer in his narrator-emphasize certain events to the final composition of this work. In short, we intend to experience the aesthetic and political meaning of this map, which remained a long wait for resources and can only be finalized and distributed in the last years of its principal founder, Cândido Rondon.

KEYWORDS: cartography; cartographic white; Cândido Rondon; Carta de Mato Grosso; event; memory.

I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente artigo se pauta em perceber a narrativa cartográfica implícita na obra *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*, que foi publicada sob a direção geral do militar da reserva do exército Cândido Mariano da Silva Rondon, em Setembro de 1952. Nesse sentido, a elaboração dos argumentos aqui utilizados se valem da textualidade impressa nesta obra cartográfica, tomando como princípio teórico a ideia de reconhecimento e dizibilidade na produção de Cândido Rondon.

Para realizar tal intuito de forma metodológica, primeiro privilegiou-se uma análise externa e, posteriormente, a análise interna do referido documento cartográfico¹. Assim, pode-se construir contextos que ajudam a entender como foi escrita, bem como quais as tensões éticas e estéticas que contribuem para se forjar os espaços e os sentidos em torno deste mapa.

Conforme Michel de Certeau (1982, pp. 65-119), uma das funções que cabem ao historiador é realocar a morte, dando novo sentido ao que passou. Assim, deve-se levar em conta a necessidade cognitiva moderna ocidental de tornar algo vivo, pulsante e até mesmo simbólico, como são as relações humanas, em algo passível de entendimento, morto enquanto signo e, portanto, produto de uma ação lingüística que interpreta, identifica e torna a vida e o ser enquadrados numa *episteme*. Dessa forma, aquilo que é deixa de *poder ser e ter* uma infinidade de outros sentidos e imanências. Entendendo-se por *morte* como aquilo que fora tomado como um acontecimento² e, assim, identificado / interpretado, Certeau ressalta que os interesses do presente figuram nos anseios do sujeito que se põe a narrar o acontecido, reorganizando a aparente calma que o tempo cronológico elaborou como fato ou evento.

Na presente escrita, os agentes e o contexto de suas ações devem ser percebidos como produtos desta agenda epistemológica. Para tanto, o que se quer aqui é experimentar uma dimensão do ser e do querer que, na busca por elaborar mapas e, assim, fazer de sua vida afetos / acontecimentos para além da morte. Nesse sentido, o que pode a cartografia, ou melhor, a escrita cartográfica em Rondon?

¹ Cf. Nuno Silva Costa (2006), por análise externa, entende-se a busca por informações que contribuíram para a elaboração de uma carta geográfica, seu sentido político, a maneira em que se deram os levantamentos de dados topográficos, as pesquisas bibliográficas e em mapas antigos para a elaboração de uma problema a ser resolvido com a imagem a ser preparada. A análise interna visa observar as características físicas do desenho, bem como questiona certas utilizações.

² Nesse caso, em específico, deve-se tomar a noção de acontecimento em CERTEAU (1982), que indica os chamados “eventos históricos” como produtos das escolhas do historiador para compor sua narrativa e, nunca, algo dado como pronto ou que se auto-explica.

II - O DESEJO DE MAPEAR ENQUANTO PROFISSÃO DE FÉ: UMA ANÁLISE EXTERNA DO DOCUMENTO CARTOGRÁFICO

Em 06 de Janeiro de 1950, do seu gabinete no Rio de Janeiro, enquanto presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, o General de Divisa Cândido Rondon escreveu o prefácio para o relatório dos trabalhos executados em 1920 por um engenheiro ajudante de longa data, o Capitão Ramiro Noronha³:

Conquanto figurem com relativa aproximação (nos mapas), as projeções de tais cabeceiras (do rio das Mortes, do rio Manso afluente do Cuiabá, do Rio Paranatinga, formador do Teles Pires, e do rio Arinos, afluente da margem direita do Juruena), nas Cartas do Brasil do 1.º Centenário da nossa Independência (1922) e na que foi impressa em 1939 pela Inspetoria Federal das Estradas – desenhada esta última pelo Sr. Luiz Privat, que fora nosso desenhista durante vários anos – a verdade é que só os trabalhos da nossa Comissão é que se deve a decifração dos enigmas que representavam, nestas e noutras zonas, todas as antigas cartas de Mato Grosso, até a do notável geógrafo que foi Pimenta Bueno, desde que, de 1890 até 1930, nos empenhamos a fundo e ininterruptamente nas pesquisas indispensáveis para a construção duma carta de Mato Grosso que, com a máxima exatidão possível lhe representasse o vasto território⁴.

Pode-se notar a ênfase de Cândido Rondon quanto a sua intenção em afirmar que a totalidade de seus trabalhos enquanto ajudante (1890-1898) e comandante das Comissões Telegráficas, que passaram a ter seu sobrenome em 1907 e foram extintas em 1930, dão conta dos mais bem sucedidos trabalhos de levantamento cartográfico sobre o Mato Grosso.

De acordo com o material levantado, o comandante Rondon em seus escritos oficiais assume a postura do escritor que se propõe a confidenciar com o público que o lê, ou seja, seus superiores, mostrando a estes os seus desejos, angústias e, finalmente, as atitudes que o elevam distintamente enquanto cumpridor de seu dever. Assim, o militar mostra em seus relatos que tomou para si a tarefa de realizar estudos geo-cartográficos que expressariam o conhecimento de seu estado natal. Envolto numa esfera de coesão, a justificativa apresentada para elaborar a Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas é a da realização do sonho patriótico de um homem predestinado e devotado ao rigor científico.

Como um herói mitológico, Rondon criara para si uma imagem coesa, que não agia por impulso nem desordenadamente. Assim, tem um motivo para cada ação que, nesse caso, está para além das disputas no

³ O ano de publicação do livro do Capitão Ramiro Noronha é 1952, mas o prefácio foi escrito por Rondon em 1950. Este livro-relatório versava sobre as explorações que ele havia feito nas cabeceiras de importantes rios da Bacia Amazônica e Platina em Mato Grosso no ano de 1925 e, que, por problemas técnico-administrativos, demorou a ser impresso pelo Departamento de Imprensa Nacional. Cf. MI, microfilme 1c, fotog. 1001.

⁴ Cf. NORONHA, Ramiro. *Expedição ao Culuene, Cabeceiras do Arinos e Paranatinga em 1920*. 2.ª Ed. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Proteção aos Índios, 1952. p. 05.

campo material. Para tanto, Rondon expressa em seus escritos que o anseio por conhecer as riquezas e as potencialidades do Mato Grosso e do Brasil interiorano / sertanejo, talvez seja o mote principal para a sua ação. Como protagonista de sua história, ele tem um *ethos* a defender e sua concepção do mundo é a sua verdade, cuja proposta, é a combater, tanto os empecilhos morais e quanto materiais, que insistiam em impedir a sua realização. Para prover os que estão a sua volta, nesse caso, tanto os povos que habitam os sertões e ainda não se sabem brasileiros, como também, a população urbana que desconhece o interior do Brasil, Rondon apresentada a Carta de Mato Grosso em 1952, como de síntese de todos os seus trabalhos enquanto servidor público federal.

[...] Um dos resultados mais apreciáveis como finalidade justificativa dos grandes esforços empenhados [...], foi o da confecção e publicação da Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas. Era do meu programa a publicação de uma Carta do Estado, como imensa etapa, possivelmente a final, dos serviços da Comissão Rondon. [...] Assim, a Carta, que acredito ser a mais alta expressão do esforço para concatenar em um só documento todo o manancial de seus estudos de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas, desde os meados do século XVIII até os nossos dias (...) ⁵.

Outro de seus colaboradores, o tenente-coronel Francisco Jaguaribe de Mattos (1949, p. 03) faz questão de iniciar sua comunicação em um evento científico com a evocação ao escalar seu chefe entre os grandes descobridores e, não parando por aí, estabelecer seu nome como uma baliza final no fluxo dos achados geográficos do Brasil. Nesse caso, o capítulo inicial de seu livro traz a resenha *Apreciações históricas e críticas: De Colombo a Rondon: evolução dos conhecimentos cartográficos relativos à América do Sul, especialmente no Brasil* ⁶. A narrativa de ambos leva a crer que a feitura de mapa era um sonho pessoal que foi tomando forma ao longo de anos de trabalho árduo.

Porém, essa busca pelo novo obviamente não é apenas fruto do olhar subjetivo de Cândido Rondon e não pode ser explicado apenas como proveniente de suas ambições positivistas, que ele tanto alega em sua memória ⁷. Talvez, seja apenas uma solução narrativa para quem se coloca a garantir um reconhecimento positivo de seus feitos. Para entender que seus anseios foram inspirados em viajantes anteriores a ele, é preciso ver o que Inge Thieme (2008, p. 198) conta, a partir dos relatos de Karl von den Steinen, durante sua primeira expedição à província de Mato Grosso, em 1884:

(...) seu plano inicial era uma investigação dos xiriguanos no grande Chaco Ocidental (...). Uma vez descoberta esta região, seu interesse voltou-se para a área de Mato Grosso e o rio Xingú “um lindo sonho, talvez realizável” visto que todo o curso deste rio, a partir

⁵ Of.º n.º 302, de 19/VII/1950, ao Ministro da Guerra.

⁶ Cf. MATTOS, Francisco Jaguaribe Gomes de. *Les idées sur la physiographie sud-américaine*. S/ed. Lisboa, 1937.

⁷ Cf. VIVEIROS, Esther de. *Rondon conta sua vida*. 1958. pp. 480-505.

do 4º paralelo Sul era totalmente desconhecido. As razões disso, segundo von den Steinen, estavam ligadas às preferências da moda – ainda havia nas províncias do Pará e Amazonas tanta terra incógnita, que, na exploração do Xingú, poucos esforços ainda haviam sido despendido (Steinen, 1885, p. 217). Estavam, sobretudo, ligadas à dificuldade de navegar nas suas águas cheias de cataratas e rápidos, e à suposta belicosidade das tribos indígenas que habitavam as suas margens.⁸

Para além dos relatos dos antigos viajantes e no entorno de seus escritos, Rondon não diferenciava sua vida particular de seus afazeres públicos. Contudo, pode-se dizer que ele agiu de acordo com uma matriz discursiva que o colocava como um ser coerente com às suas vontades e desejos. Assim, entende-se que Rondon se apropriou da discursividade elaborada pela geografia física, em um momento específico do seu desenvolvimento enquanto disciplina acadêmica. Nesse caso, divulgou seus mapas apenas como frutos da matemática euclidiana e da representação gráfica, sem equacionar os interesses de quem realiza os cálculos ou publica tais documentos. Sob esta perspectiva, o ato de cartografar se reduziu a uma questão lógica, obtida com maior precisão desde que aliada aos avanços tecnológicos dos instrumentos captadores de dados para a geometria plana e esférica aplicada ao levantamento topográfico ou geodésico⁹.

Como se percebe, as discussões epistemológicas do início do século XX, em torno do avanço e do sentido da produção científica, atingiram o grupo de militares comandados em campo ou que realizaram trabalhos técnicos nos escritórios cartográficos. Do contrário, Rondon não assumiria o interesse e a crença na prática de pesquisa, inventário e demarcação de territórios enquanto algo positivo, produtor de verdade e responsável pela mudança no ritmo das vidas dos homens de seu tempo. Em via contrária, esse comandante militar pode experimentar o valor positivo que essa sintaxe científica produzia em suas publicações, algo que engendrou numa única imagem, o estigma de guerreiro pacificador, cientista, bandeirante do século XX e uma infinidade de nomes que seus biógrafos trataram de divulgar. No intuito de elaborar coesão e sentido sobre seus feitos realizados em campo, Rondon e seus funcionários produziram narrativas sobre seus feitos e, dentre elas, a *Carta de Mato Grosso*. Portanto, é nessa textualidade fragmentada e diversa que o presente texto busca entender por quê, em quais condições se deram sua elaboração e, principalmente, o que diz ao leitor o referido documento cartográfico?

⁸ THIEME. Inge. Karl von den Steinen: vida e obra. In. COELHO, Vera Penteadó (Org). Karl von den Steinen: um século de antropologia no Xingú. Edusp: São Paulo, 1993. pp. 114-8.

⁹ Deve-se ressaltar que todas estas ressalvas técnicas e teóricas para o contato com os mapas, advêm da necessidade de serem visualizados os anseios do grupo de Rondon na produção da *Carta de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*.

III - ANÁLISE INTERNA: UMA LEITURA DA ESCRITA CARTOGRÁFICA EM RONDON COMO PERCEPÇÃO ÉTICA E ESTÉTICA DO ACONTECIMENTO CARTA DE MATO GROSSO

Os objetos cartográficos tem funções sociais diversas e se aplicam em vários setores da cultura material, seja como um guia para uma viagem, bem como para a comprovação da posse e extensão de um território. Não obstante, para a realização de uma obra desse vulto, num período do tempo afastado das ferramentas de informação e comunicação que estão acessíveis desde o advento da Internet, ou seja, nas últimas duas décadas, pode-se imaginar a quantidade de aplicações tecnológicas exigidas para a elaboração de um mapa: para a obtenção dos dados geográficos as idas a campo e as observações astronômicas reuniam em si muitos profissionais e uma série de disciplinas do saber moderno, aliado às técnicas e ao uso de instrumentos capazes de aferir medidas, propor triangulações em terrenos e, daí, resultarem os primeiros esboços cartográficos. Posteriormente, esses resultados parciais eram confrontados com informações geográficas produzidas por viajantes que passaram por tais territórios e escreveram relatos e corografias, contribuindo para a obtenção de dados mais precisos.

Todo esse movimento que incluía a verificabilidade e aproximação informacional desembocava nos processos físico-químicos de gravação nas lâminas tipográficas, incluindo a colorização das chapas que dariam forma à carta geográfica. Assim, a busca por informações geodésicas e a produção cartográfica se configuram num emaranhado de ações que, particularmente, produzem eventos para a memória. No caso da Comissão Rondon, foram realizadas ações ligadas à infra-estrutura e às políticas de gestão e controle do espaço e suas populações por parte do Estado brasileiro, estabelecendo a entrada de práticas e tecnologias que, por seu lado, produziam novos contratos sociais, bem como concepções de território, distância e, mesmo, da noção de sobrevivência¹⁰.

Sendo assim, mapas e acervos cartográficos evidenciam uma particularidade material para quem se coloca a pesquisá-lo. Por isso, buscou-se estabelecer um diálogo com alguns estudiosos da cartografia para, daí, pontuar algumas questões pertinentes ao documento *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*.

Objeto de grande dimensão física, a *Carta* é um conjunto de nove folhas, medindo cada uma 88 cm x 78 cm, de modo que, colocadas lado a lado e ajustadas corretamente, atingem mais de quatro metros quadrados de informação cartográfica, ajustada a uma escala de 1:1.000.000, em projeção Policônica Americana. Composta à cores na Companhia Litográfica Ipiranga no ano de 1952, sob patrocínio dos

¹⁰ Quanto ao material publicado sobre essas ações, foram cerca de 150 obras oficiais, entre relatórios de campanha, que continham glossários e vocabulários indígenas, estudos etnográficos, zoológicos, botânicos realizados por cientistas de diversos centros de pesquisa, além de um conjunto de mais de duzentos mapas que hoje se encontram catalogados em algumas mapotecas nacionais e estrangeiras. Dessa forma, pode-se dizer que foi necessário o levantamento e a análise de um diversificado conjunto documental para se construir um questionário que desse fôlego a esta investigação.

ministério da Guerra e da Agricultura, além do governo de Mato Grosso, teve uma tiragem de 3.000 exemplares em sua primeira e, talvez, única edição.

Enquanto objeto que compõe o acervo de museus e mapotecas, está disponível em duas possibilidades de abordagem: Montada / entelada ou em folhas separadas. Nesse sentido, o contato com a obra montada permite ao leitor uma impactante visão da força dos modelos de descrição dos espaços, além da riqueza dos detalhes temáticos da cartografia, ao passo que o estudo das folhas separadas possibilita uma percepção aproximada dos detalhes do desenho, portanto, método qualificado para se empreender uma análise interna do documento.

De acordo com os estudos contemporâneos em História da Cartografia que buscam entender o mapa enquanto textualidade e, assim, estabelecer uma leitura e interpretação desse documento, algumas questões são primordiais: tal mapa pode ser tomado como verdadeiro, no sentido de expressar conformidade, equidistância e equivalência entre os pontos apresentados no desenho? Ou é falso e foi produzido em favor de seus elaboradores, no contexto de demarcações de terras ou para fins político-diplomáticos? Esse tipo de questionamento leva a análise dos mapas enquanto questão binária e, nesse caso específico, empobrecem a elaboração de um objeto historiográfico. Outras perguntas se fazem necessárias: como utilizar esse produto enquanto meio documental em que estariam as pistas para a composição de uma trama? Afinal, o que podem os mapas em Rondon?

Faz-se necessário lembrar que a Carta de Mato Grosso expressa a possibilidade de busca por um conhecimento que se quer verdadeiro, fruto da prática no campo de pesquisa e nos laboratórios de gravação da imagem. Por isso, sua narrativa não quer o elemento fantasioso e, assim, é constantemente chamada de obra científica por seus memorialistas. Porém, como se poderá ver, existe um elemento que apresenta os espaços e indica uma demarcação cronológica para quem lê o mapa, construindo assim, os períodos que se querem por históricos, a partir dos acontecimentos mais relevantes para si. Portanto, a precisão de tal leitura estará de acordo com a capacidade de enxergar o narrador / autor em cada traço de seu desenho, indicando, assim, a potência do fazer de quem se habilita a contar uma história por meio de uma escrita cartográfica, como é o caso de Cândido Rondon.

Desse modo, sem se dar conta dos processos de pesquisa e confecção, é comum observar o mapa como uma reprodução mimética de uma “realidade espacial”. Sob um olhar fragmentado, o leitor passa a experimentar uma narrativa que garante sentido a obra, percorrendo no desenho, os caminhos que se constroem e engendram uma ideia de espaço em movimento e não se dá conta de que

(...)a coordenação de uma carta geográfica se apóia frequentemente em vários levantamentos. A redução de todos eles a uma mesma escala e a construção de um traçado contínuo iludem o observador que atribui a toda a carta a data referida na legenda e um mesmo grau de rigor reconhecido ao coordenador ou à instituição que edita¹¹.

Como forma de melhor compreender a afirmação acima, recorre-se aos escritos de um dos engenheiros agrimensores que serviram à Comissão Rondon, o 1^o Tenente João Salustiano de Lyra. Em seu relatório anexo ao do comandante, ele apresenta as discontinuidades que ambientam o processo de elaboração das coordenadas geográficas que posteriormente seriam alocadas nas plantas e mapas:

(...) As tabelas apresentam algumas posições importantes, como o Salto Belo, o Salto Utariti e algumas cabeceiras que não foram determinadas astronomicamente pela impossibilidade de conduzir os instrumentos em algumas variantes. (...) Na determinação das estações telegráficas instaladas pudemos fazer o serviço melhor, por que dispusemos de tempo e conseguimos maior número de observações, tanto para latitude como para hora local¹².

O estudioso da cartografia Nuno Silva Costa (2006, p. 153) aponta que “boa parte dos geógrafos sempre pensaram que pelo fato de orientarem os dados de sua pesquisa, pela observação direta, minimizaria os riscos de uma descrição não objetiva dos fenômenos em estudo”. Numa abordagem voltada para as discussões teóricas contemporâneas, desacreditou-se no caráter empirista da realidade expressa pelos cartógrafos. Embasado nas leituras de Foucault e Derrida, Nuno Costa (2006, p. 154) propõe que o mapa seja abordado como um objeto que transmite linguagem e poder. Portanto ele não pode ser visto como o resultado neutro e acabado de um contato direto entre o pesquisador e o espaço em análise. Antes de tudo, “são concepções da vida social (com tendências (a normalizar ou) normatizar o conhecimento sobre um espaço ou território.”¹³

Em respeito a este olhar fluido da leitura iconográfica, os interesses quanto aos aspetos visuais deste mapa levam a estabelecer uma relação de empatia do leitor com o referido documento. Nesse caso, impossível não tentar visualizar a maneira que Rondon e seus auxiliares localizaram as cidades e pontos mais conhecidos de quem olha para esses mapas sessenta anos após a sua primeira aparição pública. (Ver Figura 01).

¹¹ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira. Apresentação. In: _____ e LOBATO, Manuel. (orgs.). *O domínio da distância: comunicação e cartografia*. Lisboa, Portugal: Editora do Instituto de Investigação Científica Tropical, 2006. p. 07.

¹² COMISSÃO RONDON. **Conferências** realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 pelo Sr. Cândido Mariano da Silva Rondon, no Teatro Fênix do Rio de Janeiro sobre os trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegráfica. Rio de Janeiro: Tipografia Jornal do Comércio, 1916.

¹³ Por certo, mesmo sob algum referencial teórico que se constrói como uma hermenêutica do contato com os mapas, implica dizer que a leitura da Carta de Mato Grosso aqui experimentada não se dispõe a uma interpretação totalizante do documento. Assim, a explicação da vertente teórica utilizada para a sua leitura quer alertar sobre os cuidados para a realização empírica da pesquisa, o que não reduz o caráter de fluidez da perspectiva de quem se coloca a visualizar e, depois, criar um recorte historiográfico sobre tal documento.

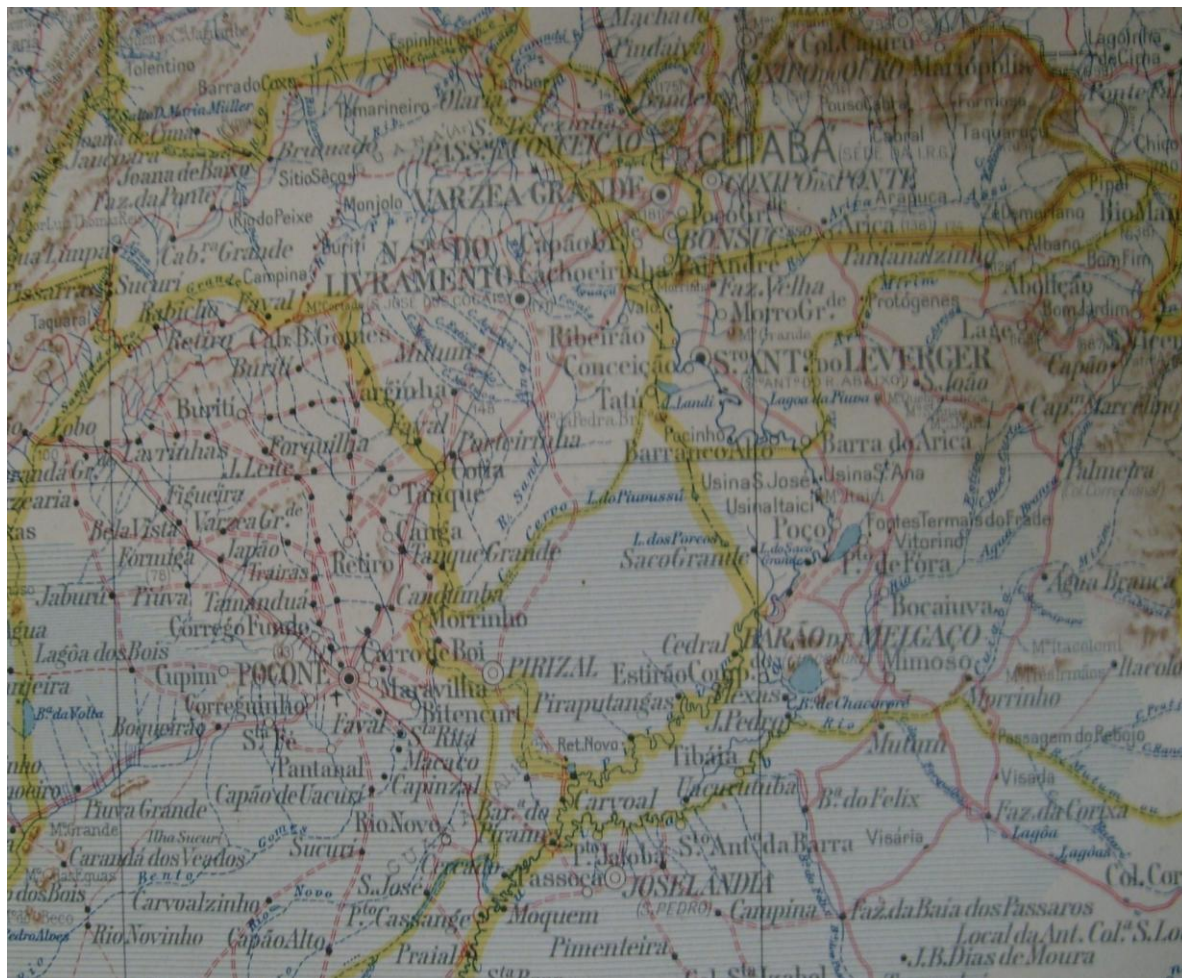


Figura 01 - Detalhe 01 - Fonte: RONDON, C. M. S. *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra - Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000.

Assim, verifica-se que estas localidades se mostram interligadas com os municípios vizinhos, por estradas carroçáveis ou, mesmo, pelas poucas rodovias que existiam no estado na década de 1950. Na busca por apreender o espaço e, tocado pela a ideia de deslocamento espacial sugerido pelas vias de trânsito no mapa, o leitor observa uma porção de limites intermunicipais que, à época, organizavam os núcleos urbanos e rurais, como Cuiabá, Várzea Grande, Cáceres, Aquidauana, Campo Grande, Dourados, Corumbá, todos interligados a distritos, vilas, povoados, glebas, fazendas entre outros¹⁴.

Nesse momento, os centros urbanizados aparecem na Carta como núcleos irradiadores de vias em demanda aos chamados sertões, compondo uma espécie de busca por integração e preenchimento dos

¹⁴ Essas municipalidades tinham certo destaque no cenário político e econômico do estado de Mato Grosso à época e, portanto, estão representados em destaque na composição tipográfica.

espaços tidos por vazios. Rondon, com sua prática na instalação telegráfica, talvez seja um dos homens que mais se dedicaram a forjar esse discurso, utilizando-se dos mapas como instrumento explicativo e garantidor de legitimidade para sua ação. Assim, sobre o plano topográfico demonstrado em tons de sépia, o mapa apresenta um espaço cortado por linhas simples ou duplas, nas cores vermelha e preta, em que se configuram os sistemas viários de diversas ordens, como estradas carroçáveis, picadas, trilhos, como também, as linhas telegráficas. (Ver Figura 02).

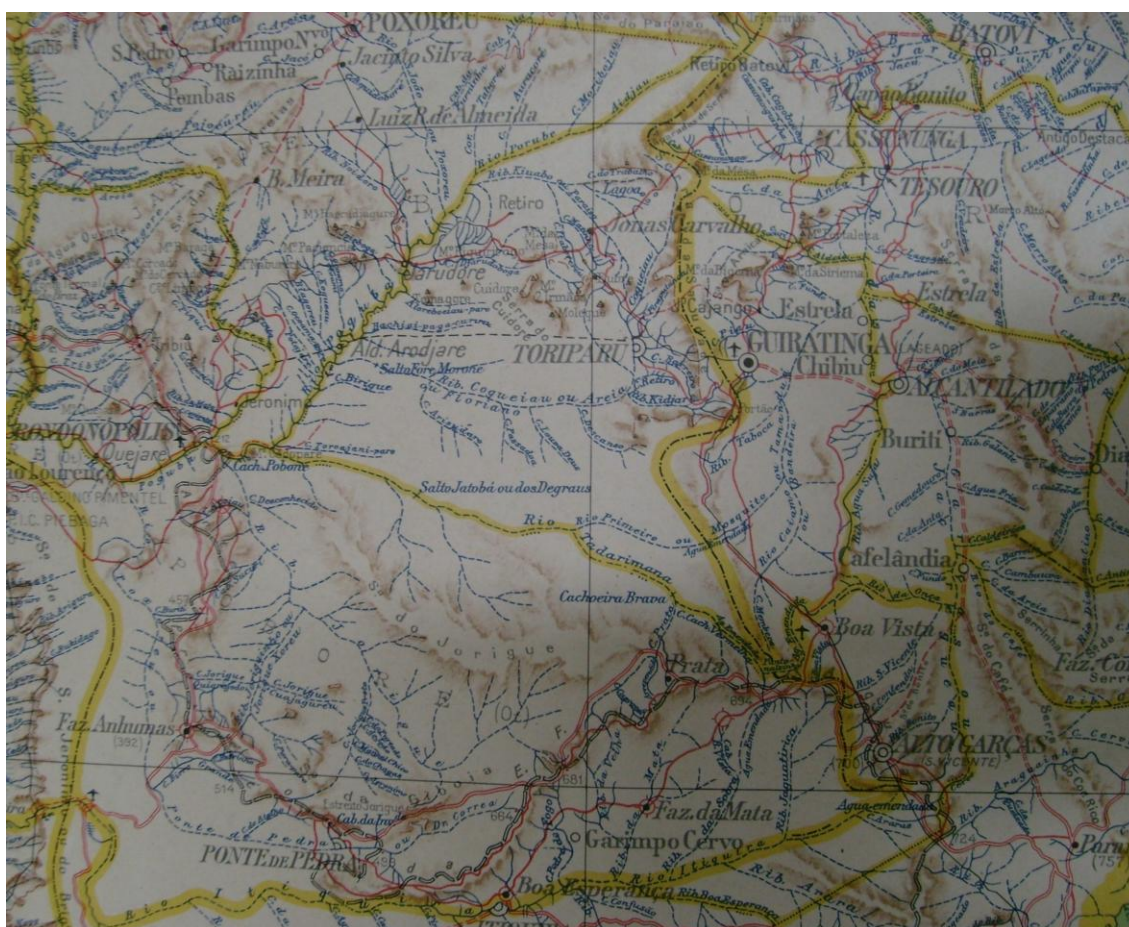


Figura 02 - Detalhe 02 - Fonte: RONDON, C. M. S. *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra - Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000.

Outro elemento narrativo importante na composição da Carta é a promoção do espaço Mato Grosso como rico em substâncias minerais e que estas, possivelmente, seriam conhecidas do ponto de vista da geografia. Assim, é percebido a rede hidrográfica que, por certo, é um conteúdo considerável na escrita cartográfica do de Estado de Mato Grosso por Rondon. Para se valer dessa positividade, o mapa apresenta,

além dos rios e seus afluentes, o nome da grande maioria deles, inscritos na folha sob a mesma cor, o azul claro. Esta forma de representação ajuda a preencher os espaços e, assim, demonstrar a aplicação dos estudos em campo no deciframento das grandes dúvidas geográficas. (Ver Figura 02)

De toda forma, estudos de diversas ordens, como a geologia e a mineralogia, desenvolvidos pela CR, foram privilegiados na obtenção de uma cartografia que se quiz completa / total. Dos levantamentos e explorações feitas pelo grupo de cientistas, os autores do desenho matricial produziram uma sobreposição de lâminas temáticas que preencheram de informação a moldura da Carta.

Nesse caso, Francisco Jaguaribe de Mattos exemplifica a atividade investigativa e, assim, preenche de sentido científico os dizeres de Rondon. Em 1932, o tenente-coronel pode aproveitar seu exílio no exterior para fazer levantamentos em acervos cartográficos e textuais que se estenderam pelos três anos seguintes nos acervos de Portugal, Espanha e França. No país galês, ele apresentou uma comunicação no III Congresso Internacional de História da Ciência em que discutiu os estudos em história natural aplicados à cartografia temática, durante os levantamentos da antiga CR. Sob o título de *Ideias sobre a Fisiografia Sul-americana*¹⁵, Jaguaribe de Mattos apresentou um objeto de estudo que a tempos rondava os interesses de quem se colocava a estudar o noroeste do Brasil: as comunicações entre as bacias fluviais e as necessidade de avanço quanto aos estudos biogeográficos.

Ainda com esse intuito, aparentemente apenas informacional mas, objetivamente discursivo, outros esforços, tão apregoados em suas conferências, não ficam de fora da Carta de Mato Grosso e, talvez, se configurem como uma especificidade nos dizeres de sua obra.

Como leitor, Rondon apreciava a literatura produzida por naturalistas e viajantes e, em 1944, sua biblioteca no CNPI registrava quase duas mil obras, entre livros, catálogos e periódicos. Boa parte dessas publicações eram de autores que se dedicaram a produzir ensaios, estudos científicos e relatos sobre viagens realizadas em diversas parte do globo e, principalmente, na América do Sul e no Brasil. Também, muitos volumes sobre assuntos como História, Geografia, vocabulários, Linguística, Arqueologia, Etnografia, entre outros.

Para provocar o sentido de avanço e desenvolvimento para o estado de Mato Grosso, propostos com a dinâmica narrativa da Carta, Rondon aglutinou um elemento discursivo caro ao seu projeto que, diga-se de passagem, também se queria como uma versão da história de sua terra natal, contada por um ancião-cientista. Assim, após ter realizado tantas viagens a campo, sofrido com as doenças tropicais, além se distanciado do convívio familiar, que, segundo suas memórias, lhe eram tão inspiradores, Rondon se põe a

¹⁵ Cf. Original, MATTOS, Francisco Jaguaribe G. de Mattos. Les idées sur la physiographie Sud-américaine. 1937.

viver o papel de quem sabe, pontualmente, onde se localizam e o que se passou em seu Mato Grosso. Isso leva às palavras de Maria Emília Santos (2006, p. 12):

A carta geográfica é o resultado de processos confluentes que ao sobrepor-se também foram perdendo elementos, desaproveitados e/ou desviados nas fases intermédias ou ainda não selecionadas para figurarem no produto final. Na maioria das vezes desconhecemos esses processos que, numa abordagem mais crítica devem ser levados em consideração para podermos relativizar a carta como obra acabada que aparenta ser definitiva, sincrônica, unívoca, homogênea e necessária, quando é apenas uma fase do processo, diacronia, heterogênea e seletiva¹⁶.

Nesse caso, é possível perceber que as escolhas feitas por Rondon e Jaguaribe de Mattos para compor este mapa se dirigem a dar vida a algo que, aparentemente está morto, estático e passível de ser congelado em uma imagem cartográfica: o espaço enquanto território. Sendo assim, a Carta de Mato Grosso constrói esse espaço como um lugar em que eventos se passaram, numa espécie de produção de acontecimentos para gerar significado ao espaço. Para mostrar ao leitor a abrangência de seus estudos, bem como a capacidade aglutinadora de documentos textuais e iconográficos por parte de sua agência produtora de mapas, Cândido Rondon expõe os itinerários dos viajantes que privilegiaram o Mato Grosso como espaço de busca por ação político, econômico e espacial. Assim, em discretas linhas contínuas em vermelho, aparecem os contornos que cartografam as expedições de exploradores dos séculos XVIII, XIX e XX, dentre os quais Rondon se incorpora no exercício de sua escrita:

Itinerário aproximado do Sargento-mór de auxiliares Marcelino Rodrigues Camponês, na exploração realizada em 1774 pelo Governador e Capitão General de Mato Grosso e Cuiabá Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres; Itinerário aproximado da exploração dirigida por João Leme do Prado em 1769 por ordem do Capitão General de Mato Grosso e Cuiabá Luiz Pinto de Souza Coutinho Penetração do tenente-coronel Ricardo Franco (de Almeida Serra) em 1774; Local das Ilhas das Capivaras - dos demarcadores do Tratado de 1777; Itinerário aproximado de Castelleau em 1843-7139; Itinerário de Manuel Urbano da Encarnação - 1872140; Primeira expedição (Karl) von den Steinen (1884); Segunda expedição (Karl) von den Steinen (1887); Itinerário aproximado do Capitão Paula Castro em 1897, de acordo com croquis composto em 1926 pelo Cap. Ramiro Noronha; Pique da Expedição Rondon de 1908 adaptado para o trânsito de veículo durante a construção da linha telegráfica; Itinerário da Bandeira Piratininga 1937-8; Itinerário da Bandeira Anhanguera 1937¹⁷.

¹⁶ Cf. SANTOS, Maria Emília. Op. Cit., p. 12.

¹⁷ Cf. RONDON, C. M. S. *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra - Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000. (ver figuras 3 e 4)

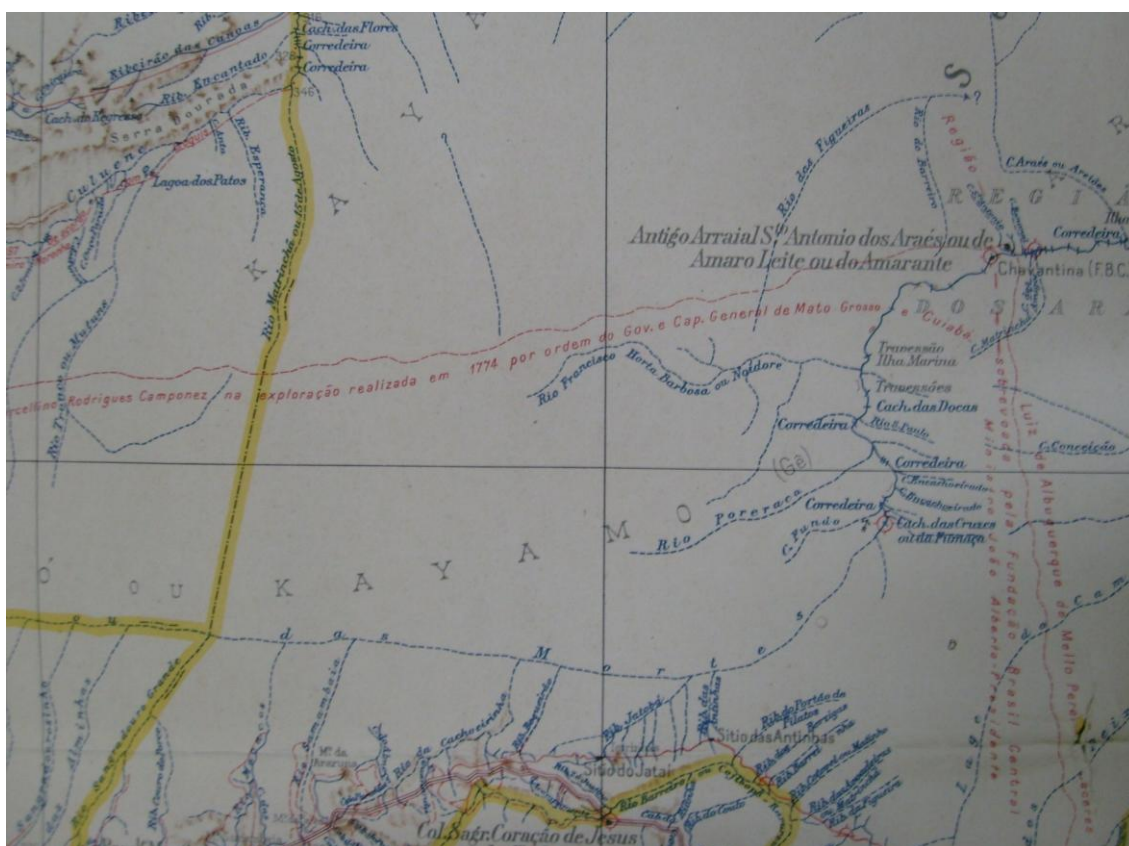


Figura 03 - Detalhe 03 - Fonte: RONDON, C. M. S. *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra - Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000.

Faz-se necessário dizer que estes marcos espaciais e cronológicos que compõe a escrita e emprestam significado ao mapa de Cândido Rondon e Jaguaribe de Mattos configuram-se como parte significativa de suas escolhas documentais. Nessa profusão de detalhes, esta escrita aparece permeada por códigos semânticos que compõe uma narrativa que se quer mnemônica. Porém, abordada sobre o referencial de reconhecimento em Paul Ricouer (2006), é parte de um percurso produtor de memórias e, nesse sentido, um constructo que se configura nas escolhas, recortes temáticos e produz dizibilidade sobre aquilo que se deseja.

Essa temática dos caminhos propostos pela Carta de Mato Grosso pode estar ligada à necessidade de exploração econômica que se atualizava com a Marcha para o Oeste de Getúlio Vargas. Tanto é que, numa rápida visualização desses contornos, se tem é a ideia de que o Mato Grosso é o lugar para onde tudo e todos confluem e, ao mesmo tempo, dirigem-se a um futuro promissor, em acordo com as possibilidades de deslocamento visíveis na Carta.



Figura 04 - Detalhe 04 - Fonte: RONDON, C. M. S. Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra - Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000.

Para corroborar essa afirmativa, deve-se atentar para uma parte do desenho da Carta que apresenta aos projetos ferroviários que Rondon aplicou ao desenho e, supostamente viabilizariam o acesso e o escoamento de riquezas provenientes do Novo Oeste brasileiro. Pode-se dizer que essa noção de movimento é estabelecida de acordo com a profusão de detalhes que compõe a narrativa visual do mapa. Por isso, conforme proposto em seu título, a Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas é um discurso que insere o estado “sertanejo” em uma comunidade nacional e integrada, e, dessa forma, estabelece as fronteiras que delimitam o sentido narrativo que se quer para tal peça cartográfica.

Assim, entende-se que ao transpor os relatos tidos por históricos ao plano bidimensional de uma carta, Rondon quis tornar palpável à compreensão de uma audiência cada vez maior, seja ela de autoridades políticas, como também ligadas ao saber cartográfico e a atividade pedagógica.

Ao pensar em sua elaboração, deve-se levar em conta que um mapa é sempre feito a partir da cópia de outro, pois o cartógrafo se apóia em uma vasta documentação sobre o espaço que se coloca a dizer. Essa documentação, tanto textual quanto cartográfica, compõe um escopo material para a composição de uma narrativa visual. Portanto, não são reproduções da espacialidade em estudo, mesmo que se valha de atributos matemáticos e científicos. Num texto logo abaixo do título, Rondon diz sobre o levantamento de material para a elaboração da Carta, o que mostra ao leitor a abrangência da pesquisa em campo e nos acervos, indicando por onde e guiado por quais interesses se deram esses levantamentos:

Como base: plantas das diversas seções das linhas telegráficas construídas ou reconstruídas sob a direção ou superintendência do Sr. Gen. Cândido Mariano da Silva Rondon em Mato Grosso, Território do Guaporé e estado de Goiás, no período de 1890 a 1930, num total de 7.350 quilômetros; plantas dos levantamentos expeditos e regulares para o estudo do traçado das linhas acima referidas; Idem, das grandes explorações de descoberta e estudo realizadas nas bacias do Prata e Amazonas (Mato Grosso, Território do Guaporé, Amazonas, Território do Acre, Paraná, Goiás e Pará), nos rios, no divisor principal e nos divisores secundários, estradas, caminhos, piques, etc. Cartas gerais e parciais das fronteiras; plantas das estradas de ferro construídas e em projeto; plantas das linhas telegráficas goianas, de estradas, caminhos, etc. de regiões abrangidas pela carta devidas a autores estranhos aos quadros da Comissão Rondon; coordenadas geográficas determinadas pelos astrônomos da Comissão Rondon e Inspeção de Fronteiras em pontos singulares dos itinerários dos serviços, desde 1903 a 1930; coordenadas colhidas em trabalhos inéditos de autores diversos desde o período colonial; levantamentos complementares feitos no sul de Mato Grosso, com determinação de coordenadas geográficas no período de 1939 a 1942. Como subsídio: cartas da América do Sul, Brasil, dos estados de Mato Grosso, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Pará, Amazonas, Território do Acre; cartas parciais, municipais, plantas topográficas de expedições e de propriedades particulares, dados técnicos informativos diversos, roteiros descritivos, impressos e manuscritos, de autores nacionais e estrangeiros, colhidos em bibliotecas no Brasil, em Portugal, na Espanha e na França, tendo sido consultados, no interesse da pesquisa, cerca de 60.000 documentos¹⁸. (BRASIL, 1952).

Talvez aqui, Rondon se coloque a responder uma série de questionamentos de seus contemporâneos: por que um mapa com estas dimensões? Por que demorou tanto tempo para ser feito? O que realmente Rondon quis representar com esse mapa? Qual a importância do Mato Grosso para o cenário nacional? Quais as espacialidades “circunvizinhas” a carta representa em sua enquadramento?

¹⁸ Cf. RONDON, C. M. S. Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra - Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000.

É provável que a grande questão que permeava a cabeça de seu elaborador estivesse na dúvida quanto a confiança que o seu leitor poderia depositar nos espaços representados em sua Carta. Para isso, Rondon elencou sua avalanche de documentos, espalhados pelo Brasil, Espanha, Portugal, França, bem como nos vizinhos Bolívia e Paraguai, países em que ele diz ter feito seus estudos. Essa profusão de documentos, para além de garantir a exatidão da carta, denuncia outra possibilidade de leitura. Como bem coloca Maria Emília Madeira Santos, “[...] quando olhamos uma carta geográfica tendemos a vê-la como uma fotografia: representação sincrônica com um único nível de credibilidade para toda a mancha.” (SANTOS, 2006, p. 09).

Porém, o exercício de transformar todo esse volume discursivo em uma única narrativa indica que o autor, antes de querer ser total, escolheu os caminhos de sua escrita e, por isso, propôs uma cadeia de elementos a serem reverberados a partir de alguns sinais.

Nessa leitura do mapa, foi possível perceber que o ato de narrar em Rondon, se constituiu como necessidade primordial de seus feitos. Ao colocar-se dono da perspectiva matricial da narrativa, ele pode divulgar não apenas os seus feitos, mas as suas concepções políticas, sociais, científicas, estéticas e, porque não, éticas, ou seja, pode dar sustentação ao seu modo de perceber a vida. Assim, ele se fez construtor de uma engenharia subjetiva, em busca de dizer aquilo que era relevante para si e para sua sobrevivência enquanto ser político, construindo uma versão da história e, nesse caso, uma memória, que até hoje se debate e, inclusive, se verifica os verdadeiros legados deixados por sua Comissão, nos meios acadêmicos e outros círculos culturais¹⁹.

Em suma, na leitura da Carta de Mato Grosso aqui experimentada, como também da operação que Rondon coordenou para construí-la e dizê-la, discutiram-se os processos técnico-científicos que geraram uma vasta gama de informação e criaram uma maneira de apresentar um território e, mesmo, um homem e sua obra.

¹⁹ Cf. Boa parte da discussão acadêmica que versa sobre esses assuntos foram obtidos em BIGIO, Elias dos Santos. Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889 - 1930). 1996. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília - UnB; LIMA, Antônio Carlos de Souza. Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado do Brasil. Petrópolis-RJ: Ed.Vozes, 1995; MACIEL, Laura Antunes. A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da 'Comissão Rondon'. São Paulo: Educ, 1998; MACHADO, Maria de Fátima Roberto. Índios de Rondon. Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Waimaré e Kaxinití, grupos Parecí. 1994. 370f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ; MARTINS JUNIOR, Carlos. 'A língua de Mariano' e o corpo da pátria: estratégias estatais de controle e consolidação da fronteira noroeste do Brasil. In. Seminário de Estudos Fronteiriços; FERREIRA, Mirian Rejane. Os trabalhadores da Comissão Rondon: violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo. (1907-1915). 2007. 214f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal de Mato Grosso; DIACON, Todd A. Rondon, uma Marechal na floresta. Coleção Perfis Brasileiros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006; SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nísia Trindade. Telégrafos e inventário do território no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.779-811, jul.-set. 2008. <http://www.scielo.br>. Acessado em 15 de outubro de 2009; CASER, Arthur Torres. O medo do sertão. Doenças e a ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915). 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz - Casa de Oswaldo Cruz - 2009.

IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode ver, Rondon se fez autor de um Mato Grosso por meio da elaboração de uma cartografia que se quis histórica. Assim, abalizado por ideais positivistas, acreditou ter provas científicas da existência de uma unidade da federação, com território específico, delimitado com os outros estados e repúblicas estrangeiras, com uma hidrografia propensa a viabilização potamográfica, com vegetação diversa, e, dentro desta, espécimes e potenciais mal aproveitados do ponto de vista econômico.

Nos seus escritos cartográficos, ele se prontifica a adequar as possibilidades de trânsito e comunicação, algo que em acordo com a demanda narrativa do governo de Vargas, possibilitaria um viver adequado ao que se queria por civilizado à época. Também, pode-se perceber nesta análise o teor historicista²⁰ a que se coloca a produzir Cândido Rondon sobre referida territorialidade, algo que está diretamente ligado a sua ação de empreender, no registro cartográfico, um discurso a favor do acontecimento²¹ e da projeção de sua memória. Portanto, sua cartografia apresenta o lugar Mato Grosso como uma confluência em que os olhares e os anseios políticos e econômicos do governo central, numa espécie de adágio ao termo *Marcha para o Oeste*.

Porém, a escrita deste novo espaço não significava apenas a realização de um projeto de conquista, de avanço estatal por sobre o desconhecido, ou mesmo, no estabelecimento de novas diretrizes epistemológicas para dizer o Mato Grosso ou o noroeste do Brasil. Conforme diz o próprio autor, na ocasião da apresentação pública de sua obra,

(...) A carta contém ainda regiões nunca penetradas. Ela é apenas uma síntese tanto quanto possível judiciosa, informativa, das atuais e antigas explorações realizadas no Estado, como das notícias, mais ou menos precárias, referentes às regiões menos conhecidas. O que podemos oferecer a V. Ex^ã é um extremado esforço, com a esperança de ser útil ao Exército e à Nação²².

É possível que a entrega da Carta de Mato Grosso tenha sepultado um dos últimos suspiros de sua vida, entendendo-a enquanto busca por reconhecimento. Nos anos que se seguiram, Rondon foi aclamado por sociedade científicas e geográficas, inclusive indicado ao Prêmio Nobel da Paz, em 1953 e 1957. Em

²⁰Cf. ASSIS, Arhut apud VERELLA, et al (2008), o 'historicismo' se confunde com o 'pensamento histórico'; isto é, com uma forma de pensamento que, através da interpretação de experiências pretéritas, busca reconstruir a gênese de uma situação presente, de modo a abrir perspectivas de futuro.

²¹ Nesse caso, em específico, deve-se tomar a noção de acontecimento em CERTEAU (1998), que indica os chamados 'eventos históricos' como produtos das escolhas do historiador para compor sua narrativa e, nunca, algo dado como pronto ou que se auto-explica.

²² Ofício n.º 302, de 19/07/1950. MI, microfilme 1c, fotograma 3345. Grifos nossos.

1955, afastado da presidência do CNPI passou a viver em seu apartamento, dedicando-se a registrar suas lembranças em uma biografia. Por muito tempo, seu relato a Esther de Viveiros espelhou, às gerações vindouras, uma ideia pronta sobre o famoso Marechal, constituindo-se como a memória oficial sobre Rondon e seus feitos. Morto em Janeiro de 1957, sua trajetória despertou interesses de antropólogos e historiadores que, de certa maneira, ainda buscam interpretar quem foi, o que fez e como produziu, de sua vida, uma obra tão lida, revista e ampliada.

V - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIGIO, Elias dos Santos. *Linhas telegráficas e integração de povos indígenas: as estratégias políticas de Rondon (1889 - 1930)*. 1996. 221 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília - UnB.
- CASER, Arthur Torres. *O medo do sertão. Doenças e a ocupação do território na Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas (1907-1915)*. 2009. 137f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde). Fundação Oswaldo Cruz - Casa de Oswaldo Cruz - 2009.
- COMISSÃO RONDON. *Conferências realizadas nos dias 5, 7 e 9 de outubro de 1915 pelo Sr. Cândido Mariano da Silva Rondon, no Teatro Fênix do Rio de Janeiro sobre os trabalhos da Expedição Roosevelt e da Comissão Telegráfica*. Rio de Janeiro: Tipografia Jornal do Comércio, 1916.
- COSTA, Nuno Silva. Cartografia científica e cartografia de propaganda: o confronto entre a Comissão de Cartografia e a agência geral das colônias em 1926. In:
- LOBATO, Manuel; SANTOS, Maria Emília (Coords). *O domínio da distância*. Lisboa, 2006. (Instituto de Investigação Científica Tropical). pp. 123-157.
- DIACON, Todd A. *Rondon, uma Marechal na floresta*. Coleção Perfis Brasileiros. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- FERREIRA, Mirian Rejane Guimarães. *Os trabalhadores da Comissão Rondon: violência, esquecimento e silêncio nos caminhos do telégrafo. (1907-1915)*. 2007. 214f. Dissertação de Mestrado - Programa de Pós-graduação em História - Universidade Federal de Mato Grosso.
- LIMA, Antônio Carlos de Souza. *Um grande cerco de paz: poder tutelar, indianidade e formação do Estado do Brasil*. Petrópolis-RJ: Ed.Vozes, 1995.
- LIRA, João Salustiano. *Relatório do Serviço Astronômico*. Anexo n. 1 Public. N. 03. 1910.
- MACHADO, Maria de Fátima Roberto. *Índios de Rondon. Rondon e as linhas telegráficas na visão dos sobreviventes Waimaré e Kaxiniti, grupos Paresi*. 1994. 370f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ.

- MACIEL, Laura Antunes Maciel. *A nação por um fio: caminhos, práticas e imagens da "Comissão Rondon"*. São Paulo: Educ, 1998. 319p.
- MATTOS, Francisco Jaguaribe Gomes de. *Les idées sur la physiographie sud-américaine*. s/ed. 1937.
- MARTINS JUNIOR, Carlos. 'A língua de Mariano' e o corpo da pátria: estratégias estatais de controle e consolidação da fronteira noroeste do Brasil. In. Seminário de Estudos Fronteiriços.
- NORONHA, Cap. Ramiro. *Expedição ao Culuene, Cabeceiras do Arinos e Paranatinga em 1920*. 2.ª Ed. CNPI. 1952.
- THIEME, Inge. Karl von den Steinen: vida e obra. In: COELHO, Vera Penteadó. *Karl Von den Steinen: um século de antropologia no Xingu*. Edusp: São Paulo, 1993.
- RICOEUR, P. *Percurso do reconhecimento*. São Paulo: edições Loyola, 2006.
- SÁ, Dominichi Miranda de; SÁ, Magali Romero; LIMA, Nisia Trindade. Telégrafos e inventário do territories no Brasil: as atividades científicas da Comissão Rondon (1907-1915). *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.3, p.779-811, jul.-set. 2008. [http:// www.scielo.br](http://www.scielo.br). Acessado em 15 de outubro de 2009.
- SANTOS, Maria Emília Madeira, LOBATO, Manuel. (orgs.) *O domínio da distância: comunicação e cartografia*. Lisboa, Portugal: Editora do Instituto de Investigação Científica Tropical, 2006.
- VARELLA, Flávia et al. (orgs.). *A dinâmica do historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- VIVEIROS, Esther. *Rondon conta sua vida*. Rio de Janeiro: Cooperativa Cultural dos Esperantistas, 1958 (1970).

Documentação em microfilme – Museu do Índio

Microfilmes 1c e 2b da Série CNPI, Fundo Comissão Rondon

Of.º n.º 302, de 19/VII/1950, ao Ministro da Guerra.

Ofício n. 621, de 04/12/1950, ao Ministro da Agricultura.

Discurso de Rondon na entrega da Carta de Mato Grosso - 26/09/1952

Imagem Cartográfica

RONDON, Cândido Mariano da Silva. *Carta do Estado de Mato Grosso e Regiões Circunvizinhas*. (1952) Serviço de Conclusão da Carta de Mato Grosso - Ministério da Guerra - Estado Maior do Exército. São Paulo: Companhia Litográfica Ipiranga. 1 mapa, colorido, 2,30 m X 1,98 m. Projeção policônica americana. Escala 1:1.000.000. Detalhes 01, 02, 03 e 03.